

AUTOFIÇÃO, MEMÓRIAS E DESCONSTRUÇÃO DOS MITOS EM *BROCHADAS: CONFISSÕES SEXUAIS DE UM JOVEM ESCRITOR*, DE JACQUES FUX

Mário Ferreira do NASCIMENTO FILHO¹
Jane Adriane Gandra²

RESUMO: Jacques Fux, escritor mineiro, vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura no ano de 2013 com a obra *Antiterapias*, traz em “*Brochadas: Confissões Sexuais de um Jovem Escritor*” uma abordagem que une dois estilos literários extremamente opostos: autobiografia e ficção. Em uma trama envolvente e, ao mesmo tempo, polêmica, torna-se praticamente impossível detectar quando o texto faz referência ao autor (autobiografia) ou ao narrador (ficção). *Brochadas*, apesar de ser algo natural, que sempre aconteceu e pode acontecer com qualquer ser humano do sexo masculino (e feminino), é tratado ainda como um tabu, não é um assunto que os homens costumam discutir. Nesta obra, Fux aborda essa temática de forma descontraída, sem medo ou vergonha. Nela, o autor constrói sua autoficção e faz uma análise cronológica, histórica, filosófica e literária do fenômeno que assusta a classe masculina desde os primórdios da humanidade. Além disso, o escritor desenvolve no decorrer da trama um sentido literal, em que apresenta definições do termo “brochada”, apontando as mais diversas causas por meio de termos que podem até mesmo constranger os leitores mais conservadores. O sentido literário é construído com base em citações (verdadeiras ou não) de obras, autores ou personagens históricos que, em algum momento, descreveram esse tema explicitamente ou nas entrelinhas de suas obras. É a partir dessa leitura, o leitor pode elencar suas próprias conclusões e começar a desconstruir o mito em torno da infalibilidade do homem (*quase-deus*).

Palavras-Chave: *Brochadas: confissões sexuais de um jovem escritor*, Jacques Fux, Literatura Mineira, brochadas, ficção autorreferencial

ABSTRACT: Jacques Fux, a Minas Gerais writer, winner of the São Paulo Prize for Literature in 2013 with the work *Antiterapias*, brings in "*Brochadas: Sex Confessions of a Young Writer*" an approach that unites two extremely opposing literary styles: autobiography and fiction. In an engrossing and at the same time controversial plot, it becomes virtually impossible to detect when the text refers to the author (autobiography) or the narrator (fiction). *Brochadas*, although it is something natural, that always happened and can happen to any male (and female) human being, is still treated as a taboo, it is not a subject that men usually discuss. In this work, Fux approaches this theme in a relaxed way, without fear or shame. In it, the author constructs his autofiction and makes a chronological, historical, philosophical and literary analysis of the phenomenon that scares the masculine class from the beginnings of the humanity. In addition, the writer develops in the course of the plot a literal sense, in which he presents definitions of the term "brochada", pointing out the most diverse causes through terms that may even embarrass more conservative readers. The literary sense is built on quotations (true or otherwise) of works, authors or historical characters who, at some point, explicitly described this theme or between the lines of their works. It is from this reading, the reader can list his own conclusions and begin to deconstruct the myth around the infallibility of the man (quasi-god).

¹ Acadêmico da Pós Graduação *Lato Sensu* em Estudos Literários – UEG Câmpus Posse.

²Orientadora deste estudo.

Keywords: *Brochadas: confissões sexuais de um jovem escritor*, Jacques Fux, Literatura Mineira, brochadas, self-referential fiction

1 Literatura Mineira em transição: memórias e autoficção

A literatura brasileira que desde os primórdios caracterizou-se por seu caráter de transculturação de outras culturas dentre as de maior destaque a europeia, vem sendo (re)construída diuturnamente após a Semana de 22, aderindo a aspectos contemporâneos já vigentes à época em outros países, mais especificamente na década de 1950. Enquanto os modernistas levavam a literatura e a arte demasiadamente a sério, os pós-modernistas intentavam rir levemente de tudo (SANTOS, 2004, p.42), mudando, com o advento da pós-modernidade, o foco do interesse das relações do homem/mundo para uma crítica da natureza da própria ficção.

Indubitavelmente, os avanços tecnológicos têm grande influência para a difusão da literatura pós-moderna no país, marcado por forte instabilidade política, onde a democracia pós Estado Novo foi interrompida por um golpe civil militar, assim as liberdades individuais foram suprimidas, mesmo assim a Literatura Brasileira conseguiu situar nomes imponentes no cenário nacional e mundial, tanto na prosa, quanto na poesia. Na primeira, destacam-se neste período inicial João Guimarães Rosa e sua linguagem repleta de arcaísmos e neologismos; Clarice Lispector e seus romances introspectivos, Dalton Trevisan irônico e sarcástico ao retratar em suas obras a sociedade brasileira. Já na poesia, ao utilizar uma linguagem concisa e enxuta João Cabral de Melo Neto constrói uma poesia objetiva e realista. Outros escritores mantinham-se vanguardistas, com suas obras focadas no concretismo, no poema-processo, na poesia-práxis, e poesia social, destacando-se Haroldo de Campos; Augusto de Campos; Décio Pignatari, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Pedro Xisto, Adélia Prado, Mário Quintana, Murilo Mendes, João Ubaldo Ribeiro, Rubem Fonseca; Fernando Sabino; Luís Fernando Veríssimo; Rachel de Queiroz; Autran Dourado, Carlos Heitor Cony; entre outros.

Esta nova forma de produção literária é de fato uma combinação de tendências que rompem com valores tradicionais e trazem a identidade como um conflito existencial da era pós-moderna inovando a poesia e a prosa. Convergindo para estes aspectos de vanguarda, a Literatura Mineira, por sua denotada importância no cenário literário nacional, tem-se

alinhado a estas tendências com a formação de novos escritores que estão a construir sua obra com originalidade e ousadia, criando uma linguagem e estilos próprios. É evidente que a Literatura Mineira se configura em um espaço de destaque no cenário nacional. Osmar Oliva (2007, p.7) afirma que “a literatura produzida em Minas Gerais é também um marco significativo da brasilidade” tendo em vista sua vasta contribuição para a formação da identidade literária nacional. Ao dialogar com culturas como a europeia e de outras nações fez emergir nomes importantes na Literatura Brasileira e alguns outros de renome nacional e internacional. A diversidade e a criatividade da literatura mineira perduram até hoje, as novas gerações de escritores locais refletem e produzem bem isso. Contudo, em sua maioria, são pouco conhecidos além das fronteiras do estado e, por conseguinte, existem poucos estudos sobre suas produções literárias.

Dentre esta nova seara de escritores mineiros, destaca-se neste estudo Jacques Fux, escritor mineiro, vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura no ano de 2013 com a obra *Antiterapias*, traz em *Brochadas: Confissões Sexuais de um Jovem Escritor*, uma abordagem que une dois estilos literários extremamente opostos: autobiografia e ficção, definido por Serge Doubrovsky (1977) como: *autoficção*. A autoficção de Fux é autorreferencial, oscila entre as duas esferas em uma trama envolvente e, ao mesmo tempo, polêmica, de forma a impossibilitar ao leitor detectar quando o texto faz referência ao autor (autobiografia) ou ao narrador (ficção). Fux é um erudito, um professor de Matemática que aventurou-se pela literatura e tem dado certo nesta área. Possui graduação em Matemática, mestrado em Ciência da Computação e doutorado Literatura Comparada na UFMG (POS-LIT - 2010), em cotutela com a Universidade de Lille 3 (Docteur en Langue, Littérature et Civilisation Françaises), Pós-doutor em Teoria Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP e pela UFMG. Foi Visiting Scholar na Universidade de Harvard. Recebeu o Prêmio Capes de Teses 2011 de melhor tese em Letras/Linguística 2010 e em 2013 foi vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura com o livro *Antiterapias*.

Jacques Fux é um Especialista nas relações entre Matemática e Literatura. Autor dos livros: *Literatura e Matemática: Jorge Luis Borges, Georges Perec e o OULIPO*, publicado em 2016, pela Editora Perspectiva; *Antiterapias*, publicado em 2012; e *Brochadas*, de 2015, pela Editora Rocco. Gita K. Ginsburg escreve na quarta capa da obra *Literatura e Matemática* que “Jacques Fux possui a seriedade de um pesquisador e o imaginário de um romancista”. As obras literárias de Fux estão em evidência e assim como outros jovens escritores brasileiros, têm alcançado boa aceitação do público e da crítica. Para o crítico literário mineiro Alberto

Mussa, Fux em sua obra literária de estreia, *Antiterapias*, provocou a impressão de ser um autor culto, extremamente original e inquietante.

Ainda, de acordo com Mussa, o autor mostra-se habilidoso ao mesclar múltiplos planos discursivos, valendo-se de gêneros, adotando diversos pontos de vista, sejam eles ficção, ensaio, epistolografia, autoficção, sempre desprovido de um humor ácido associado a mais alta tradição do humor judaico. Fux é um erudito e faz uso de toda esta erudição para dar sentido literário as suas obras. O autor brinca com as palavras, com a memória, com sua origem judaica, falseia quando necessário, recobre de fantasias suas lembranças, e de forma contínua transcende os limites entre a realidade e a ficção.

2 Ficção autorreferencial: autoficção

Os escritores contemporâneos têm recorrido constantemente à arte de mesclar a literatura com a vida, e, ao fazerem uso deste recurso, atendem ao dever da memória de representar fatos e a temporalidade destes, muitas vezes distorcidos por acréscimos de seu próprio imaginário. As narrativas em sua maioria são construídas em primeira pessoa e exploram a ficcionalização da própria vida, algumas vezes são melancólicas e saudosistas, outras alegres e bem-humoradas. Esse jogo literário envolve o leitor na trama do real e do imaginário. Diante disso, CANDIDO (2006, p.74) afirma que o “leitor se habitua a receber a verdade sob o aspecto da ficção, e quando chega às partes onde os acontecimentos já estão sobre o controle de memória do Narrador, não nota qualquer mudança essencial entre as duas esferas.”

Esta nova forma de escrita tem rompido com valores tradicionais e trazendo a identidade como um conflito existencial da era pós-moderna. Estas construções literárias levam o leitor a, intermitentemente, colocar-se em posição de julgar a veracidade ou não dos fatos narrados, pois seus autores não as escrevem em terceira pessoa, não se apresentam como histórias distantes, colocam-se em cena, buscam confundir o leitor ao fazer com que este associe intuitivamente autor e personagem, ficção e realidade. Estes autores prezam por ficcionalizar as supostas lembranças de “seu passado”, algumas vezes fazendo isto de forma poética, outras de forma vulgar e leviana, falseando as próprias memórias, fantasiando a própria vida, remodelando seus passados. Recorrem constantemente a fragmentos de supostas memórias para incorporar sentimentos velados de angústia e dor, sofrimento e frustração, êxtase e alegria. De fato, são memorialistas, pois, de acordo com AGUIAR (1998, p.23), “(...) têm, assim, um pé na história, outro na ficção”. Para eles, o essencial não é apenas transmitir a

verdade dos fatos, mas explorar os sentimentos e as emoções vivenciadas, e é isto que os difere dos historiadores que apenas relatam os acontecimentos.

Para LIMA (2015, p.13) “autoficções constituem um universo em que o eu é a voz que fala, é o narrador que conta a sua própria experiência”. É notório que o termo cunhado por Serge Doubrovisky (1977) em seu romance intitulado *Fils* serviu para denominar a união de dois estilos extremamente controversos e conflitantes, a autobiografia e a ficção. Em ambos os casos, a particularidade da escrita dá-se em primeira pessoa, destacando-se a presença do eu na literatura.

Ainda, segundo o próprio LIMA (2015, p. 17),

As autobiografias permitem que o autobiógrafo corrija as imperfeições que certamente seriam explicitadas pelo reflexo. A distância temporal que existe entre o ato da escrita e o ato narrado facilita que o escritor seja condescendente consigo e repare a ação do tempo e/ou emende os acontecimentos de modo a torna-los consortes a sua vontade.

Deste modo, é peremptório afirmar que a autobiografia carrega consigo traços ficcionais cooptados pelo autor em uma possível reestilização do eu real, colocando sob suspeita literária e biográfica a verdade contida no relato de uma vida. LEJEUNE (2008, p.15) “para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja identidade entre o *autor*, o *narrador* e o *personagem*. ” Nesta perspectiva leujeniana, o leitor é o responsável por determinar quem é o eu na autobiografia. Este autor, para LEJEUNE (2008, p.23) não é uma pessoa, mas uma pessoa que escreve e publica, autodefinindo-se como uma pessoa real que simultaneamente produz o discurso autobiográfico. Esse discurso provoca o imaginário do leitor, que em caso de não conhecer o autor do texto dito autobiográfico, coloca-se em posição de imaginá-lo então a partir da leitura que ele produz.

De certa forma nota-se nestas narrativas, que em sua maioria são construídas em primeira pessoa, um processo exploratório de ficcionalização da própria vida. Há de fato uma imposição de um filtro narrativo imposto pelo autor/narrador em primeira pessoa onde este se apresenta como inspiração e modelo para construção do enredo literário da obra. Esse jogo literário envolve o leitor na trama do real e do imaginário. Diante disso, CÂNDIDO (2006, p.74) afirma que o “leitor se habitua a receber a verdade sob o aspecto da ficção, e quando chega às partes onde os acontecimentos já estão sobre o controle de memória do Narrador, não nota qualquer mudança essencial entre as duas esferas”.

2.1 Memória como testemunho literário em Brochadas

Jacques Fux é um erudito e usa de sua erudição para dar sentido literário a sua obra. O autor brinca com as palavras, com a memória e com sua própria etnia por meio de um humor ácido característico do povo judeu. Em Brochadas ele falseia quando necessário, recobre de fantasias suas lembranças, e de forma contínua transcende os limites entre a realidade e a ficção. Seus relatos memorialísticos autoficcionalizados são instigantes e intrigantes, afinal, como o próprio autor afirma no epílogo de seu livro “tudo aqui é verdade, exceto o que não invento” (FUX 2015, p.7).

Os recortes de memória presentes em toda a obra constroem uma trama delicada, envolvente e as vezes constrangedora:

Aqui conto minhas histórias. Relato as experiências de uma geração e talvez a memória de um povo que viveu inúmeras frustrações e flagelos (não, não é o povo judeu), já que conheciam o deus Baco contemporâneo: o Viagra. Talvez este livro seja datado por conta disso. Talvez não. Casos de brochadas são conhecidos desde sempre. E desde sempre se buscam explicações, desculpas e soluções. Como neste livro. Como, talvez, em todos os livros já escritos! Assim me insiro novamente na História, dessa vez não tão glamourosa assim. (FUX, 2015, p.18)

A obra desenrola-se subdividida em capítulos que levam o nome das supostas mulheres com as quais o autor tenta desvencilhar-se do mito construído acerca da brochada no sentido literal e literário da palavra. Os relatos memorialísticos escritos em primeira pessoa são oportunos à construção do perfil do autor/personagem Jacques e seu “Jacozinho” (nome que carinhosamente dá ao seu órgão genital). O traço pessoal dado a cada descrição forma uma dialética interessante onde a subjetividade interfere no curso da interpretação convencional, e o caráter informal das memórias por ele descritas faz com que o leitor as filtre como lembranças pessoais do autor conforme podemos observar no trecho “Encantei-me pela Agnes, já na primeira vez em que a vi. Era uma festa em homenagem a independência de Israel” (FUX, 2015, p.27).

Ora, a considerarmos as leituras dos perfis de cada uma das mulheres vemos que Fux as constrói dotadas de um caráter todo especial. Elas seriam a síntese mais perfeita do misticismo em torno da brochada, estando toda esta celeuma apoiada nas suas memórias. Em cada capítulo destinada a estes amores nos aparece a presença de uma retórica memorialística. O autor se reinventa em uma figura dramática interpretada por ele mesmo, e nos mostra como ocorreram as brochadas de sua vida através de capítulos destinados a cada uma de suas namoradas, amantes, casos etc. Cada relato parece dar voz e corpo aos personagens. Além

disso, o leitor é instigado a entrar no imaginário do autor em busca das mulheres e dos fatos de um percurso multifacetado e inconcluso da memória do jovem Jacques, mergulhando nas lembranças de seus amores passados, resgatando relacionamentos com Agnes, Alice, Carla, Juliana, Jacqueline, Deborah e Leah, figuras que são paulatinamente transformadas em coautoras da obra.

Embora a memória pareça, à primeira vista, a de um erudito judeu que acumulou um imenso conhecimento ao longo de sua vida acadêmica, estas supostas lembranças reacendem aquilo que estava guardado no mais íntimo da memória de um indivíduo que agora compartilha os momentos em que foi acometido pela “vergonha das vergonhas” (a brochada) com seus leitores. Brochadas é, portanto, uma narrativa das memórias de Fux, editada a partir de acontecimentos ricamente descritos e dos quais não temos a certeza se são reais ou inventados.

Os meus primeiros encontros carnais foram assim ludibriados de sentimento. Sim, o cheiro da emoção impregnava os quartinhos baratos onde transávamos. O amor virara ato ratificando a santidade romântica. Mas, apesar da potência juvenil, do amadorismo e da inocência, algo já começava a dar dicas de uma possível brochada um dia. (FUX, 2015, p.30)

De fato, o envolvimento proporcionado em sua primeira leitura impressiona o leitor com a presença humana, implicando na inexistência de uma separação artificial entre literatura e vida. Noutras palavras, biografia e ficção não mais se deslegitimam um ao outro. Ele desabafa de forma clara e objetiva contando, com riqueza de detalhes, tudo, dando um verdadeiro testemunho do uso da memória. Conta desde como conheceu cada um dos seus amores até a forma como se relacionavam sexualmente, com os aromas, contatos, envolvimento amoroso e apego ao outro. Muitas vezes a harmonia era perfeita, mas mesmo assim, ao final do relacionamento vinha a fatídica brochada.

2.2. Narrativa de uma brochada: debate sobre a desconstrução do mito de quase-deus

Homem tem medo de brochar, isto é fato. Possivelmente este medo está relacionado à cultura extremamente machista de uma sociedade que lhe impõe o dever de ser viril, poderoso e potente, em todas as áreas, não somente a sexual. Admitir que brochou, é, segundo FUX (2015, p.17) viver a sensação dúbia do desejo da conquista e do medo do fracasso. De fato, o tema é assustador quando se refere a afirmações da sexualidade masculina. A brochada é para o homem o medo dos medos, a vergonha das vergonhas, é a angústia pelo fracasso eminente provocado pelo não funcionamento “correto” do pequeno órgão que é ao longo dos tempos é

tido como símbolo de poder e dominação e que por muitas vezes aparenta ter vontade e desejos próprios.

Em sua narrativa, Fux tenta desconstruir a imponente da *brochada* na tentativa de justificar suas falhas no campo da sexualidade em sua vida amorosa fazendo recortes históricos e literários em cada romance vivido em suas desventuras amorosas. O autor mostra-se corajoso e destemido ao narrar a brochada, o que para o homem comum é enfrentar e reviver a dor, a vergonha, a ironia e o misticismo e as muitas neuroses ao longo da história (FUX, 2015, p.19). Afinal, é nesta hora que entendemos o verdadeiro sentido da palavra desespero (FUX, 2015, p.35).

Fux trata o tema com naturalidade e bom humor naquilo que define ser a *Ilíada das brochadas* (FUX, 2015, p.22) o escritor investiga a aflição que acompanha os homens desde os tempos mais remotos intercalando pesquisas empíricas e dados históricos em capítulos dedicados a supostas ex-amantes onde elenca todas as vezes em que seu “Jacozinho” (nome dado por Jacques a seu pênis) o deixou na mão e sempre entrevem meios de incitar culpa as mulheres:

Eu sabia que algumas mulheres tinham penugem, mas não tanto! E cercado por pentelhos e cheiros, acabei repudiando tudo ali, Eu precisava desaparecer logo dali, como Ruskin³. Mas foi impossível. O quarto era meu. Então meu filme queimou. *It was a pleasure to burn*. Jacozinho não subiu. (FUX, 2015, p.82)

Passagens como esta são um tanto quanto ofensiva ao universo feminino, nada muito pesado, mas um tanto quanto machista. De fato, transferir culpa é um dos meios para se livrar do fardo da vergonha do funcionamento “ilógico” do pênis, contudo, o autor vai mais longe, reveza a subida e queda de “Jacozinho” com referências históricas e literárias relativas a perda da ereção, obviamente algumas são notoriamente “subvertidas” por ele.

2.3 A brochada é universal: um passeio histórico, filosófico e literário

Para Jacques (o personagem) se até mesmo os grandes nomes da história, da filosofia e da literatura brocharam um dia, porque ele não poderia ser acometido por este temeroso mal? Se até mesmo o grande filósofo Platão se incomodava por não conseguir controlar seu Platinho: “Desobediente e teimoso, como uma criatura deficiente da razão”. (FUX, 2015, p.18), ou Montaigne (jurista, político, filósofo, escritor, cético e humanista francês) reclamava

³ John Ruskin, grande pensador da Era Vitoriana

da rebeldia do seu *petit*: “É certo notar a dispensa e a desobediência desse membro que inoportunamente nos deixa na mão quando mais necessitamos” (FUX, 2015, p.18). O que dizer então de Rousseau que de forma poética e literária confessou ser um brocha (ou broxa):

Rousseau, em seu livro *Confissões*, revelou sua brochada de uma forma poética e literária: ‘De repente, ao invés de chamas devorando meu corpo, senti um frio mortal percorrendo minhas veias; minhas pernas tremeram e, quase desmaiando sentei e chorei como uma criança’ (FUX, 2015, p.18).

Narrar a brochada é reviver a dor da vergonha, mas o personagem se esquivava em uma defesa cronológica e bastante racional, desmistificando a brochada e assimilando-a em um contexto histórico que vem desde os tempos do Paraíso, onde, segundo este, o próprio Adão, após ter desobedecido a Deus, agora fraco e amaldiçoado, atado aos desejos sexuais, teria de controlar suas partes vergonhosas, que não se levantariam mais em momentos cruciais (FUX, 2015, p.47). Outro nome religioso (e da filosofia) que não escapa do olhar crítico e subversivo do autor é Santo Agostinho que, segundo o personagem, não acreditava que o sexo em si era ruim, mas que a autonomia do pênis era “uma desgraça que a humanidade teria que aceitar e controlar” (FUX, 2015, p.47).

Em verdade, a ideia da narrativa é tratar um tema tabu de forma mais lúdica, mostrando que ninguém está sozinho, até mesmo personalidades influentes como Hitler e Reich, nas palavras do autor, brocharam. “Tenho certeza absoluta que Hitler era brocha (e pior, não circuncidado). A minha teoria complementa a de Wilhelm Reich, que dizia que o nazismo e o stalinismo nasceram da falta cultural de orgasmo” (FUX, 2015, p.27). Esse “mau comportamento” do pênis foi durante muito tempo explicado pela bruxaria, maldição ou olho gordo, jamais por culpa do homem, afinal, este está sempre endeusado e viril. Segundo o autor, crenças sobrenaturais dos motivos da impotência também podem ser encontradas no mundo romano e grego (FUX, 2015, p.93). Ah, os romanos, estes eram fixados na ideia de autocontrole, agressividade e virilidade, estupro, sodomia e subjugação eram comuns na sociedade romana antiga.

Prova de que até deuses, semideuses e heróis brocharam. E viraram piada eternizada nos livros *Satírico*, de Petronio, e *Amores*, de Ovídio: A penetração, neste período, era necessária para atestar poder, dominação e status social. E não importava se penetrassem homens ou mulheres. O pênis era a arma preciosa desses soldados, erguê-la era gesto de masculinidade e potência. (FUX, 2015, p.137)

Ora, de certo, essa visão de o homem tinha que ser forte, potente e viril ainda é dominante até os dias atuais, homens brochas não são lá muito considerados masculinos e por

este e inúmeros outros motivos, há ainda a visão de que o homem deve ser infalível, um *quase deus* quando o assunto se refere a sua sexualidade.

Ao usar de dados históricos e pesquisas empíricas, Fux consegue traçar um paralelo entre ficção e realidade, tendo ao lado da erudição um humor judaico surpreendente que perpassa toda a narrativa, fazendo de *Brochadas* um romance original, permeada de conceitos de metalinguagem e autoficção, propondo uma profunda análise do “eu” na literatura, consolidando-o como um autor culto, extremamente original e inquietante. Esse passeio histórico contido na obra nos apresenta fatos inusitados, como o caso dos cantores *castrati*, homens castrados que influenciaram fortemente a história da música vocal europeia entre os séculos XVI e final do XIX, como afirma FUX (2015, p.118) “(...) Roma, por volta de 1500, baniram a presença das mulheres em óperas, e os homens castrados sugeriram como possibilidade de alcançar notas e tons novos (...)”.

Ora, ao olhar criterioso de Jacques, nem mesmo os grandes nomes da Literatura conseguiram escapar de revelar nas entrelinhas de suas obras o desespero de revelar suas angústias sexuais, de Bernardo Guimarães a Drummond, muitos deles brocharam, e seus feitos constam logo nas epígrafes iniciais da obra de Fux. Em seu poema “O Elixir do Pajé, cujo trecho consta nas epígrafes do livro de Fux, vemos o “pai da Escrava Isaura” declamar “(...)E assim deixou-te, pálido e pendente, / Olhando para o solo, / Bem como inútil lâmpada apagada/ Entre duas colunas pendurada?” (GUIMARÃES, 1992, *apud* FUX, 2015, p. 3). Pobre Fernando Pessoa, nem mesmo escondendo-se atrás de seus incontáveis heterônimos conseguiu esconder-se da vergonha da brochada, em “Hé-lá que eu vou chamar” disse: *Ave, salve, viva, ó grande bastardo de Apolo, / Amante impotente e feroso das nove musas e das graças, / Funicular do Olimpo até nós e de nós ao Olimpo* (FUX, 2015, p.3). E Drummond? Teria este brochado com sua esposa, ou pior ainda, com sua amante ao escrever “*Até hoje perplexo/ ante o que murchou/ e não eram pétalas / (...) Eis está gravado/ não no ar, em mim, / que por minha vez/ escrevo, dissipo.*” (FUX, 2015, p.5)

3 Conclusão

A obra *Brochada* nos apresenta muitas histórias de homens famosos nas mais variadas áreas do conhecimento que passaram por este constrangimento, restando ao leitor acreditar ou não nos fatos narrados. O que é colocado em discussão é que “homem que é homem” *broxa* em algum momento de sua vida, pois nada e nem ninguém é perfeito, a sexualidade do

homem também não, como um ser humano é cheio de falhas, não se inclui nesse grupo somente as mulheres. Desmistifica-se na obra a figura do homem de ser um *quase-deus* quando o assunto se refere a vida sexual, em especial à que é narrada pelo jovem personagem Jacques.

Vê-se nesta obra o ato de brochar é colocado como algo natural e engraçado, que não destrói a masculinidade do homem, muito pelo contrário, reforça a humanidade, desconstruindo a ideia de infalibilidade do homem. *Brochar* ou *broxar* é natural e o autor/personagem divaga pela história, pela filosofia, pela literatura, pelas crenças religiosas para expor que todo e qualquer homem é passível de deparar-se com o supracitado “medo dos medos”, com a “vergonha das vergonhas” e justifica muito bem suas falhas humanas quando se compara a estes personagens icônicos da humanidade, alguns verdadeiramente existentes, outros fantasiados pelo autor.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da Memória: Um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo. Editora Universidade do Estado de São Paulo: Fapesp, 1998.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

FUX, Jacques. *Brochadas: Confissões Sexuais de um Jovem Escritor*. Rio de Janeiro: Rocco; 2015.

GUIMARÃES, Bernardo [Epígrafes]. In FUX, Jacques. *Brochadas: Confissões Sexuais de um Jovem Escritor*. Rio de Janeiro: Rocco; 2015.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LIMA, Bruno. *Eu: itinerário para a autoficção*. 1.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015;

MUSSA, Alberto [4ª Capa].]. In FUX, Jacques. *Brochadas: Confissões Sexuais de um Jovem Escritor*. Rio de Janeiro: Rocco; 2015.

NASCIMENTO FILHO, M. F., *Memória e luta de morte em “um anjo de Klee”, de Osmar Oliva, e no conto “as coisas de que não me lembro, sou”, de Jacques Fux*. Anais do X Seminário de Literatura Brasileira – Literatura, Memória, Esquecimento, realizado na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, de 08 a 10 de junho de 2016. ISSN: 1984-0497.

OLIVA, Osmar Pereira. (Org.). *Escritores mineiros e contemplações de Minas*. Montes Claros, MG: Unimontes, 2007.

SANTOS, Jair Ferreira. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TIBURI, Márcia. [Orelha do livro]. In FUX, Jacques. *Brochadas: Confissões Sexuais de um Jovem Escritor*. Rio de Janeiro: Rocco; 2015.